

*A mulher
e o espelho*

Vera Jacques

*A mulher
e o espelho*

Rio de Janeiro
2009

©copyright, 2009. **Vera Jacques**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei dos Direitos Autorais 9.610/98. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sob quaisquer meios (eletrônico, fotográfico e outros). O conteúdo original da obra é de total e exclusiva responsabilidade do autor.

Capa e Diagramação

Edson de Souza

Edição

Mauro Rosso

Impressão

Fábrica de Livros – SENAI/RJ

Poema “Le Miroir d’un Moment” [Espelho de um momento], de Paul Éluard, extraído de *XXe. Siècle: Collection Textes et Litterature*, v. VI. Paris, Bordas, 1964.

Catálogo-na-Publicação (CIP) – Brasil

J 19 m Jacques, Vera.

A mulher e o espelho / Vera Jacques. – Rio de Janeiro: o autor, 2009.

109 p. ; 21 cm.

1. Crônica Brasileira

CDD: B869.8

a Luisa e Sofia, minhas netinhas,
que um dia serão *Mulheres*

Sumário

Apresentação	11
A mulher no espelho,	13
Maria da Silva,	14
A cadeira de balanço,	16
Graziela,	18
Tom e Jerry,	20
A grande contradança,	23
A valsa,	33
Verão sufocante,	34
Um dia,	37
Henriqueta,	39
Marcas,	42
Dr. Pigmalião,	44
Clara,	50
Flagrantes da vida real,	52
Ela,	57
Ele,	60
Queira-me bem, não custa um vintém,	62
Carlos,	68
Flora,	71

Julia,	77
Poesia de Chaplin,	81
O aborto e os fósforos,	82
Marieta,	84
Fatalidades fazem parte,	88
O mar e o amar,	90
Aconteceu,	105
Amélia,	107

Jamais conseguirei saber se o escrever é um ato de coragem ou de covardia. Ao escrever, nos expomos de tal forma que parece nunca ser o suficiente amadurecido. Ao escrever, julgo-me ingênua, simples e ambígua por denunciar o que todos já sabem.

Ao longo de meu percurso no consultório e principalmente na vida – quantos anos? 64 de vida e 30 no consultório – divido dores, choros, amargores e conflitos. Conflitos nos movem. Ou nos paralisam. Mas sempre causam alguma dor.

Estes escritos são produto de anos de escuta. Nenhum personagem existe e todos existem no nosso âmagô. Carregamos um pouco de cada um. Condensei várias pessoas e dissocie algumas para falar de sentimentos e da procura incessante que temos para viver.

Covardia seria não compartilhar minha experiência com todos. Aliás, Jung muito mais sábio afirmava que depois dos 40 anos o homem possui objetivos culturais. Ser imortal é o desejo de todo artista. Continuar com carinho a ajudar dentro de minhas possibilidades a todos que amo: minha família, amigos, clientes que fazem parte da minha vida e que dão sentido à missão que tenho. Por vezes difícil outras impossível. Faço sempre o possível.

Alegrear também é preciso com humor. E nos voltarmos para Eu sou uma pessoa importante que

ama, sofre, dorme, ri, tem conflitos. Eu sou uma pessoa que aprende a ter paciência e que se tranqüiliza protegidamente e saudavelmente sabendo que o sentido da vida é vivê-la em sua plenitude.

Agradeço a todos o carinho com que me fizeram persistir neste caminho. Agradeço a meu pai o fato de escrever e me iniciar na literatura e nas artes. Preparou-me para lidar com meu interno, minhas dúvidas e assumir posturas perante a vida. À minha mãe agradeço o fato de estar sempre arrumada exteriormente para enfrentar a vida.

Agradeço aos meus filhos, Daniela e Bruno, por terem me ensinado a ser mãe. Neste papel estou aprendendo a ser humilde e a não ter sempre todas as respostas.

Agradeço ao pai dos meus filhos Fernando.

Aos amigos que me apoiaram quando era eu que chorava e não os clientes agradeço o abraço amigo. Leilah, Eliana, Graça, Ângela, Bernadete, Lea, Izaura, Lucia e tantos outros que passaram e se foram...

Agradeço a todos os clientes, que confiaram no meu trabalho, por terem me proporcionado a oportunidade de conhecer um pouco melhor o viver e a diversidade do ser humano.

Agradeço principalmente ao Mauro, amigo de sempre que me incentivou a escrever. Sem seu incentivo, sua cumplicidade e seu trabalho de edição, este livro não sairia do computador/gaveta.

Apresentação

Não podemos saber de nossas impossibilidades
Desejamos a possibilidade de termos.
Procuramos à nossa volta
O ter alguém
Para aplacar a nossa ânsia de sermos.

Este livro retrata algumas impossibilidades
Da realização impossível.
Para irmos em frente é necessário
Construir algumas paredes erguidas
Alguns telhados com muitas vigas
E semear
construir uma vida sem espinhos?..
E quando estes surgem?
Eles existem para que possamos desfrutar da flor.
E onde estaria a flor?

A mulher no espelho

Olho-me no espelho
A vida me venceu
Levou minhas ilusões
Perdi a aposta
Que alcançaria todos os meus sonhos

Olho-me no espelho
Sinto-me forte.
Olhando para trás
Vejo minhas conquistas
Alcanço o que perdi
No desejo do amanhã

Olho-me no espelho
Encaro minhas rugas
Como marcas da minha vontade de viver

Olho-me no espelho
Consigo apenas ver
A beleza de ser mulher...

Maria da Silva

Maria da Silva nascera com um pé no chinelo em cada pé e precisava preparar o que seria a próxima refeição. Jamais poderia pensar que um dia seria por seus filhos injustamente condenada a... Vocês podem imaginar ao que uma simples Maria da Silva poderia ser condenada por seus filhos? Pois é... O mundo dos homens não é justo. E mais do que cruel.

Ela, Maria da Silva tivera oito filhos e nunca precisou pedir a ninguém que a escutasse. Ela sempre dera conta do recado e fizera tudo a contento. Seus filhos foram mais do que bem educados. Atualmente alguns eram doutores e alguns senhores de alguns lugares que eles sempre orgulhosos eram donos do próprio lugar. Mas, o que eles jamais perdoaram era o fato de ela jamais ter abaixado o nariz para aquele marido vulgar que sempre por pretensão achara que sempre teria a última palavra mesmo que a palavra fosse suja, imunda e traiçoeira. Ela sempre avisou, mas seus filhos jamais a perdoaram porque para eles seu pai estaria em primeiro lugar.

Pobres filhos de Maria da Silva! um dia depois de muitos dias, quando ela despreocupara-se a vida acabou por lhes mostrar que eles nunca estiveram em primeiro lugar e pior: foram tremendamente traídos. Seus filhos choraram e choraram. Mas ainda assim condenaram Maria da Silva por ter casado com um homem traidor. Como ela poderia ter adivinhado que ele era um homem traidor? Como poderia ela ter pensado que ele era apenas um tremendo comedor?

A cadeira de balanço

Deviam ter mais ou menos a mesma idade. Talvez um pouco menos ou um pouco mais. Só que ela, Clotilde Maria da Dores sempre se achara um pouco menos velha. Ou será que um pouco mais? Mais jovem... Mais competente... Mais simpática... Mais sensual...

Clotilde Maria das Dores começara a olhar a outra pela janela. Tremendamente só, pensara ela. Quem era mais? Ela ou a outra? Olhava a outra fortuitamente pela janela naquela implacável cadeira de balanço. Há quanto tempo?

E todas as mulheres não faziam isto de uma maneira disfarçável? Será que até ela, Clotilde Maria das Dores com seu ar de indisfarçável placidez não a copiava? Será que ela também não se balançava a fazer a comida dos filhos dia a dia? Será que alguma mulher não se balançava saindo de casa pela madrugada a ajudar o marido? E será que ainda uma outra mulher ou muitas outras no tédio dos maridos não balançavam o olhar do seu próprio tédio?

Eu, Clotilde Maria das Dores, conformei-me com as dores que a vida me trouxe. Tal qual aquela trouxa que as mulheres de antigamente faziam quando não havia espaço para se lavar aquelas peças mais complicadas de grandes. E' fato bem claro que máquinas de lavar não existiam.

Pensando bem _ preocupo-me com a vizinha que se balança dia a dia e por vezes dormita com a boca aberta. Estará ela a dormir ou a sonhar com os sonhos que um dia foram dela? E será que eles foram retirados porque nunca pediu permissão para que dela fossem? E eu, Clotilde Maria das Dores acostumada a sofrer, o que faço? Eu não sabia que o balançar talvez aplacasse o não saber o que a vida nos traz...

Graziela

Graziela era seu nome. Por favor, não a confundam com Gabriela aquela de Cravo e Canela. Graziela era esbelta igual a uma gamela. Orgulhosa e sempre viva. Mas totalmente diferente de Gabriela.

Um belo dia de abril olhou-se no espelho e preferiu ocultar o que via. Preferiu tal qual Gata Borralheira, ou seria a Cinderela, quebrar o espelho como a madrasta que se perguntara dia a dia se existiria mulher mais bonita do que ela.

Graziela não desejava ser a mulher mais linda do mundo, mas não suportara o vir a ser do pescoço esbagaçado e suas pernas outrora lindas estarem a fraquejar tal qual sua mente que sempre fora vazia. Vazia do que? De objetivos, diria eu. O corpo era investimento prioritário e muito mais do que adequado para poder ter prioridade no mercado das... Pergunto eu do quê?

Graziela naquela manhã de abril pensou e ficou tremendamente solitária e apavorada, pois pela primeira vez percebeu que tudo na vida é mais do que efêmero. Até a própria vida. Tentou congelar seus medos e seus desejos. Até seus deveres. Tentou empacotar tudo isso e colocar num papel filme e

esconder no congelador. Mas quanto frio sentiria sem que isto lhe pertencesse ao dia a dia.

Já não sabia mais o que fazer de sua vida. Para onde iria com aquelas pernas que já não eram tão bonitas? O que fazer com sua mente que sempre fora vazia?

Sonhara um dia ser poderosa. Tal qual uma juíza, ou quem sabe aquele modelo super-famosa.

Graziela na realidade conseguira desperdiçar sua vida nas suas próprias pernas e no seu rosto lindo que sustentava um cabelo esvoaçante. Pensara como algumas mulheres que a beleza sempre a acompanharia. Que jamais envelheceria. E agora, Graziela? Como poderemos te ajudar?

Tom e Jerry

Você consegue se lembrar
Do gato grande
e talvez esperto
que desejava sempre comer o rato?
E deste que perseguia o queijo?

E o Jerry na sua toca,
no seu cantinho
enfrentava a sua pequenez
com altivez
dos que se sabem mais espertos?
Espicaçando o pobre do Tom.
Por que pobre?

Por que todas as panelas caíam na sua cabeça?
Por que todas as portas se fechavam na sua cara?
Por que Tom se esborrachava tanto?

Por que sempre apanhava
com aquela vassoura
carregada por uma nega de bunda grande
que aparecia quase sempre sem cabeça?
Ela não é a vida?

Tom, porque sabia do seu desejo
corria e corria e iludia-se
pensando que comendo o Jerry
estaria mais do que satisfeito e...
completo...

Mas o Jerry, mais do que sabido,
deixava o Tom nas situações mais piores do que piores
porque apenas fugia do desejo do Tom.

Mas Jerry desejava o quê?
Maltratar o Tom?
Comer o queijo?
Ou manter-se apenas ocupado?

Porque quando Tom dormia
e no seu canto ficava
Jerry não agüentava
E lá aia fuxicar Tom.
E tudo começava outra vez.

A grande correria
Ou seria apenas uma grande contradança?
E quando Tom, com aquela grande enorme pata
prendia o pequeno rabo fino do Jerry
deixava-o finalmente fugir
porque do contrário o grande jogo terminaria.

Você é o Tom ou o Jerry?
Se você é o Tom

Quem é o Jerry na sua via?
E se você é o Jerry
Onde está o seu Tom?

E quem é o mais esperto?

Mas, que importa?!...
Pois, ambos levam vassouradas
da nega mais do que esperta
de bunda grande
que representa apenas a Vida?



A grande contradança

A grande contradança
Finalmente
Estivera armada.
Eles se entreolhavam
E deveriam fugir do quê?
Do verso cansado
Que esperava pela contradança?

Pois, finalmente se entreolhavam.
Mas, ele principalmente
Fugiria do quê?

Talvez do verso cansado dela
Que o entrelaçava no laço
E quem sabe?!...
No enlaço.

Geraldo ansioso fala:

– Ali ao meu lado ela estava tão bonita e eu sem saber o que fazer. De repente: Estou com um problema emocional. Eu te avisei que estava saindo de um relacionamento longo, pois é voltamos.

Ela com aqueles olhos expressivos, agora tristes a me fitar, assustada, consegue finalmente dizer alguma coisa:

– Como fui idiota... Não sei se fujo, saio correndo ou o quê. Eu acho que sabia que seria apenas uma brincadeira.

– Eu esperava que ela me xingasse, me desmoralizasse, me implorasse. Qualquer coisa, menos aquela reação. Continuava a me inquirir com o silêncio, e eu: – Podemos ser amigos?

Ela dá as costas e vai embora.

–Você entende? Ela estava ali a me dar uma oportunidade. E eu, não consegui alcançar. Consegui mais uma vez comportar-me como sempre. Resolvi usá-la. Desde o começo, ela percebeu. Prefiro as mulheres burras. Não sei porque falo destas coisas... Depois de alguns minutos ela volta e fala:

– Eu acho que os dias que passamos juntos foram...

– Você quer ser enganada?

– Não. E por isto que estou aqui. Não consigo deixar as coisas sem serem resolvidas, inacabadas. Ah, sim... Podemos ser amigos. Eu sou uma pessoa autêntica, não sei ficar fazendo joguinhos. Seria mais fácil. Por que você não pode acreditar que alguém goste de você?

– Gosto sim.

– Não parece. Eu gosto muito de mim. Quando escolho minhas amigas, meus amigos, as pessoas com quem me relaciono, escolho pessoas legais. Eu não escolho qualquer um. E agora, você... Como eu falei pelo telefone, quando desejo alguma coisa, luto até o fim. Mas, quando vejo que não dá mais, dou as costas e vou embora.

Um longo silêncio se faz. Agora, diante de mim Geraldo suspira e fuma. Tosse também.

– Por que a rejeição da sua mulher influi tanto nos seus relacionamentos atuais?

– Você está dizendo que ainda vivo em função da ex?

– Não tem dado a você a menor possibilidade para estar com outra pessoa. Vive na perda da ex. Isto não lhe faz mal?

– Mas ela pensou que eu estava com ela. Eu fui ótimo o tempo todo. O pior é que foi bom. Foram dias maravilhosos. Dançamos, nos amamos, ela acabou por me derreter. Até esqueci-me do passado. Mas, chegando... Depois, oh! sim... Ela pensou que fôssemos continuar. Deu-me um tempo e telefonou-me acusando de ter brincado com ela. Quem pediu um tempo fui eu... Acho que ela gostou mais de mim do que eu queria. Ou será que ela está dizendo que gosta de mim porque soube que eu estava brincando?

– Talvez ela tenha te levado a sério. Talvez, ela realmente tenha gostado de você. Mas, por que você prefere ficar com a rejeição a aceitar o carinho, dela? Ela não tem um nome? E' apenas ela? Mas, parece que ela mexeu com você... Não pode amá-la, por quê?

– Estou confuso. Ou talvez com medo. Ela, sim, ela tem um nome. Tudo o que faz , extremamente gostoso. E' tão espontânea. Mas, prefiro deixá-la.

– E sofrer? E não se aventurar?

– E' engraçado. Conheci-a numa noite em que dançamos muito. Parecia uma grande competição. Ela me dizia: tenho medo de você. E eu dizia para ela: – Vou me machucar com você. Levei-a para casa e surpreendentemente ela não quis ir para um motel. Seus beijos eram deliciosos e seus carinhos também. Como não tínhamos caneta, ela anotou seu telefone em um guardanapo com batom. Dias depois telefonei e ela retornou. E por incrível que pareça, ela falou que eu ainda amava minha ex-mulher. Fiquei irascível, disse que eu era cabeça feita. Desligamos... Ela nunca mais me ligou e o batom ficou uma grande mancha. Procurei-a por duas semanas onde achava que a encontraria. Acabei por encontrá-la. Mas era apenas um desafio... Abracei-a, fizemos amor. O resto, você sabe...

– Sei sim. Viajaram e o desafio acabou. Assim, você a afasta para criar um novo desafio?

– Não sei. Na noite em que a esnobei. O pior é que ela me convidara para comemorarmos uma promoção dela. Estraguei a noite dela.

– E a sua também.

– Ela passou a mão no meu rosto, desejou-me boa sorte. Deu-me as costas e quando percebi ela estava dançando como se nada tivesse acontecido. Odiei-a. Odiei-me. Poderia estar dançando com ela...

– Ficou com ciúmes?

– Acho que sim. Tive medo de perdê-la. Tive vontade de correr atrás dela e falar que estava arrependido. Continuei a beber, encostado, parado sem conseguir sair do lugar. Daí a pouco, ela se senta. Tenho certeza que ela pensou que eu iria até ela. Jurei para mim mesmo que nunca mais me aproximaria dela. Quando olho, está ela a conversar com o homem da mesa ao lado. E ela ria. Agora, eu sabia que ela me amava, que eu era importante para ela, mas a tinha perdido. Sou orgulhoso. Falar que menti? Que não existe relacionamento longo na minha vida. Ou melhor, apenas este maldito fantasma?

Alguns meses se passam. Um dia, Geraldo continua a sua estória:

– Pois , Tudo aconteceu outra vez.

– Tudo o quê?

– Dela é claro.

– Você não a tinha esquecido?

Reencontrei-a no mesmo lugar. Ela enviou-me alguns escritos e eu fiquei curioso em vê-la. Olhe o que ela escreveu.

“Agora, eu sei que posso suportar o seu silêncio. Mas será que não poderemos conversar? Quem sabe você poderá me ajudar a caminhar? Quem sabe poderei dar minha mão a você. Você acredita nisto? Ou apenas nos jogos idiotas que impossibilitam as pessoas de se aproximarem?”.

No momento, não tenho respostas, apenas perguntas. Sou uma apaixonada pela vida. O que tem tudo isto a ver? Não sei... Talvez seja melhor você jogar tudo que enviei no lixo e fazermos de conta que nunca nos conhecemos. Não seria tudo mais fácil? E’ sempre o grande faz de contas. Ou como diz você, são as minhas farpas... Farpas? Que farpas? Será que você não precisa de minhas farpas para ser atingido?

Amanhã, quando reencontrar você em algum lugar. Olharei para você bem firme nos olhos, não sorrirei e fingirei que não lhe conheço. Não é a melhor maneira de se viver?

Não me pergunte nada. Sou apenas perguntas. Não tenho as respostas. A resposta para mim seria dançarmos até o amanhecer com os olhos nos olhos, os braços nos abraços e o carinho sem fim...

Isto serve para você? Posso não ter as respostas, mas um dia elas virão.

– Ela é sensível, não?

– Sim, Ela na festa falou oi. Eu respondi com tanta frieza que passei a noite gelado. Cheguei em casa e escrevi o seguinte:

“Com os braços cruzados, o rosto crispado, sentado fiquei. Estava como habitualmente a quilômetros de distância. Respondi com tanta frieza que esta retornou sobre mim. Desta vez fora diferente. Fique só com meus pensamentos e minha indiferença. Ela, agora, me dera as costas. Foi embora. Não era o que eu queria?”.

No entanto, aquele silêncio começara a me incomodar. Estive habituado a ser procurado de uns tempos para cá. Era melhor ir dançar com outra para provar para ela, e, principalmente para mim que nunca havia gostado dela. Dancei de rosto colado, com olhos fechados, bem agarradinho com outra e nada sentira. Apenas, lembrava-me do corpo dela, do cheiro dela. Dela... Corpo que estava tão próximo, mas tão distante... Ela parecia tão firme com aquela blusa vermelha a provocar meu desejo.

Seu olhar a seguira. Dançara com um, com outro. Conversara com um e com outro com a maior desenvoltura. E ele, ali acompanhado estava só. Continuava a sentir a volta de toda a frieza que um

dia dera a ela. Esperava ainda que ela se dirigisse a ele com aquele olhar feroso e desejoso. Não viera...

Será que ela resolvera realmente ir embora? Sim, ela lhe telefonara há mais ou menos um mês e lhe dissera umas coisas. Nada entendera, ou talvez, mais ou menos. Agora, sentira que o que achara infantilidade era sensibilidade e que romantismo era sinceridade. Nunca ela falara uma palavra nem fizera um ato sem que soubesse o que neles estava contido. Agora, ele soubera o que de tão diferente e profundo encontrara nela.

Mas não dera valor e lhe virou as costas. Agora, ela fora embora. Ficara a esperar o que aconteceria. Ficara imobilizado até que ela realmente da festa fora embora acompanhada apenas pelo seu olhar.”

Geraldo termina de ler e está emocionado.

– Sinto que você não se entende ou não quer admitir que goste dela.

– Mas eu não gosto dela. Só não admito que ela tenha dado as costas e ido embora.

– Orgulho?

– Não sei. Estou confuso.

A sessão termina. Na semana seguinte, ele fala:

– Estou mal. Ela pensa que é a tal. Sabe o que fiz? Apareci com uma namorada.

– O que você pretendia?

- Mostrar que ela não era importante para mim.
- Para quem?... Para ela ou para você? Parece que não saímos do mesmo lugar. A mesma festa, você sempre distante a representar o mesmo papel.
- Estou extremamente cansado. Ela nem me olhou. Nossos olhares não se tocaram. Para que eu levei a loura vassoura piaçava.
- Não foi para espicaçá-la?
- Sabe, não adiantou. Cheguei no dia seguinte em casa correndo, esperando que ela tivesse me ligado. Nada.
- O ser humano é engraçado. Goza com a falta. Só sente falta quando perde. Só dá valor quando não tem.
- Para que eu fiz isso? No final eu estava sem forças para representar meu grande papel de namorado. Sentia o olhar dela por trás de mim, seu cheiro... Seu corpo a exalar um desejo que conheço bem. Lembrei-me dos dias que passamos juntos. Eu sempre consegui me esparramar no seu sorriso, nos seus braços. Até o silêncio era gostoso. Senti-me ridículo, pois ela me observava e estava acima de representações. Ela sabia que eu estava a desempenhar minha atuação muito mal. Perdi a vontade de dançar, beijar, etc. Fiquei triste e pesado. Como era diferente com ela. Tudo tão leve...

– Você acha que com ela você pode ser apenas você sem precisar representar? Que ela te aceitou com carinho sem julgá-lo?

– Não sei. Acho que estar com ela é agradável, gostoso. Não sei se a perdi. Sua presença me dá vida, alegria. Ela é muito alegre. Agora, você falando, acho que é, isto. Ela sempre foi muito autêntica. Passei a minha vida a ser o bom menino, o bom filho, o bom pai. Com ela fui apenas. Eu posso apenas ser. E agora, Vera? O que faço?

– Por que não procurá-la? Ela não lhe escreveu que a resposta seria um reencontro? Pelo menos ela conseguiu lhe dizer para parar de representar para ser reconhecido. Você não precisa disto. Procure-a. O que de pior pode acontecer?

– Ela não me querer...

A valsa

A valsa tocava firme e eles mais do que apaixonados se abraçavam e se tocavam como se nada mais existisse.

A valsa ainda tocava firme quando eles perceberam nos seus entreolhares que a valsa não poderia continuar a tocar firme até o eternamente.

Com medo do que viria depois quando a valsa parou de tocar despediram-se sem se entreolharem porque a valsa poderia não mais voltar a tocar.

Para outro casal o amor chegou. Fez uma careta e logo depois propôs uma inconveniência que todos sabemos qual é. E imediatamente eles foram para o depois.

Entregaram-se sem se preocuparem com o que poderia ser o depois.

E depois, eles se viraram para cada um e falaram simplesmente nada mais para o talvez e o para o depois.

Verão sufocante

Verão sufocante, principalmente por estar ali a tentar arrumar toda uma vida. Um armário poderia conter uma vida? Jogar fora o inútil. Conservar o que poderia servir para o depois. Uma colher de prata, dessas tortas para dar comida às crianças... Inútil... Abat-jour velho. Fora. Outro abat-jour. O cesto de palha transforma-se em lata de lixo. Cadernos velhos. Lixo. Roupas que um dia poderão ser copiadas... Para que? Jogar coisas velhas fora para que as novas entrem...

Não que fosse apegada às coisas. Elas iam e vinham. Outras ficavam guardadas. Afinal de contas, fora um caminho percorrido. Seus projetos eram tão intensos quanto seu desejo. Mas onde colocá-los? Dentro do armário?

Mas como as coisas iam e vinham por que aquela pequena caixa retangular sobrara em algum canto do quarto? Não que ela não soubesse o que continha. Mas o que fazer? Lentamente pegou-a com carinho. Era um objeto cortante. Sentiu o frio da lâmina daquele protótipo de arma que nunca tivera coragem de jogar fora e que sempre a acompanhara. Por quê? Nunca soubera. Achara

sempre que era um objeto bonito, frio e cortante. Continha um pedaço importante do amor que se fora. Tivera sido uma época quente e ardente. Até hoje sentia o cheiro quando se punha a lembrar... Mas, por que não jogara aquela arma pequena, fina e fria?

Com seu primeiro namorado percorrera o caminho desconhecido de sua sexualidade. Começara a descobrir o que era um homem e se entusiasmara com os sonhos propostos. No momento, tudo isso estava tão longe... Fora uma pessoa mais do que importante para ela apesar de tê-la trocado por outra. Então colocara uma pedra. Quando dele se lembrava era sem qualquer emoção. Fazia questão de afastá-lo. O tempo? Passara. Nesse momento não teve vontade de revê-lo. Era, como se não mais lhe pertencesse. Como se não mais tivesse feito parte um dia de sua vida.

Mas, o que fazer com aquela pequena arma?

Um canto e um quarto. Nunca ele pudera pensar que um dia pudesse passar tão mal. O que lhe estaria acontecendo? Pensara que iria morrer... De uns dias para cá sentia um corte e uma sensação de morte. Como se uma coisa importante tivesse terminado... Tantas, tantas haviam passado por seus braços que já não haveria mais lembranças. Sim, por que estaria

só? Seria o final do caminho? Ou o início já desbotado pelo tempo há muito apagado?

Só sentia um cansaço e parecia que algo cortante, frio e fino se inseria em seu peito. E procurava o que ela, sem saber, havia cortado...

Um dia

- Olhei para ele no fundo dos olhos e disse:
- Serão apenas bons momentos
- Apenas bons momentos, o que isto significa?
- Momentos e não tormentos.
- Não lhe entendo.
- Se espero que não sejam apenas bons momentos, nossos momentos, tornar-se-ão lamentos e depois em tormentos. E' melhor que fiquemos apenas no momento.
- Mas, eu te amo.
- Eu não mais acredito no que você me fala.
- Eu te amo e te quero e para sempre.
- Para sempre? E finalmente? Não acredito em uma palavra. Amanhã dirás não lhe quero mais. E porque um dia acreditei obterei o meu tormento.
- Te amo, te quero, justamente porque não acreditas no atualmente, nem totalmente, muito menos no meu lamento.
- Prefiro apenas acariciar teu corpo e com meu desejo não ter o tormento de saber que nunca serás

um finalmente, mas apenas um bom momento. Prefiro apenas chupar o teu querer e gozar no teu desejo de me ter. Porque um dia, finalmente teremos que resolver se nos queremos, se nos teremos por bons momentos, ou se apenas seremos um lamento, ou um tormento?

Ou quem sabe um eterno nos envolver?

Henriqueta

Henriqueta, a irrequieta acorda um dia e decide escrever finalmente o que lhe atormenta e o que lhe faz conduzir a vida naquele momento. Vamos nos integrar com ela e escutar o que tem a dizer. Quem sabe todas as mulheres não falem a mesma língua?

Você tem medo? Eu tenho. Domingo, você parecia querer não falar comigo. Consegui fazer com que o domingo não se tornasse triste e distante como você. Você está triste? Ou será que quem está triste sou eu? São perguntas indiscretas. Não precisa responder.

Para onde a vida nos levará, não sei. Ela está em situação melhor que nós, pois ela rola e eu impossibilitada de rolar pelo seu corpo.

Gosto da sua maneira de ser e não lhe permito que se vá deixando-me agora no ar. Como? Não permitir? Você pode me dar um pouco de colo?

Não fique intrigado com minha efusão em escrever. Se não o faço fico sufocada com meus sentimentos e minhas emoções que sempre borbulham. Sou sempre eu nas situações e não consigo representar sendo por inteira. Na maior parte assusto as pessoas, pois talvez eu mostre sem

querer a elas o que realmente são ou sentem. Com você fui mais do que sou. Consegui aproximar-me e falar de mim.

Releio mais uma vez a sua carta. Gosto da sua maneira de escrever e já lhe furtei o “gosto”. Você permite? Com você aprendo a ser menos apressadinha. Mas, continuo a esperar o galo cantar.

Minha vida rola como lhe disse e não tenho feito nada de anormal. Você tem razão é a maneira que a moça do ônibus tem de sentir prazer. Será que sente prazer ao me criticar por estar voltando de uma praia sem cerimônias? Será que ela gosta de viver? Ou de repente sente prazer em não sentir prazer. Acho que quando se gosta de viver o prazer está nas menores coisas. No caminhar na praia, ver um por do sol, escrever, sufocar alguém com um monte de escritos e envelopes e também com a falta dos beijos que estão retornando ao Rio (eles ainda não chegaram), trabalhar, rir, conversar, ir ao cinema, e também por que não chorar e sentir saudades? Você tem sempre razão, meus argumentos não foram suficientes. Cada um “escolhe” de acordo com a sua personalidade o como viver. Não precisa brigar comigo. Não adianta procurar o prazer pelo prazer, pois ele não está em nenhum lugar. Aliás, minto. Ele está agora em você e com você.

Fale-me de você. Fico cansada de mim mesma. Acho que você sem querer entrou numa fria, pois

sentirá falta de não escrever e esperará o carteiro passar. De repente pode ser que uma banda também passe. Acredito que cada pessoa que surge em nossa vida tenha uma mensagem a dizer. O que será que temos a nos dizer? Aproveito para lhe dizer que em breve enviarei a poesia de Chaplin que lhe prometi.

Ficaria o resto da manhã aqui a conversar com você. O sol está muito bonito, mas continua frio.

Beijo-te inteiro. Você gosta?

Marcas

Carrego em meu corpo as marcas da vida. Não dá para disfarçar e dizer que não sou. Carrego em meu corpo o eco de meu ego. Quero que ecoe só para mim. E que eu possa me abraçar sem esperar que alguém me carregue porque sou...

Meu corpo é apenas o eco do que sou. A cada instante preservo-me da dor que consegui fingir porque sou. Digo apenas... Cruelmente... E's apenas uma dor. E que dor... E's furta-cor. Com muito odor...

Se sempre houve o grito molhado... Cuspido e assumido. Se sempre houve o sumido. Se sempre houve a terra molhada... Encharcada, com cheiro de suor... Se sempre o sol esteve ensangüentado... Se sempre houve o mar. O mar que continua a quebrar o que sempre houve. Se sempre houve a chuva... O cuspe...

Molhe então seu dedo. Depressa...

Onde?

Não me pergunte...

Apenas, depressa... Depressa...

Enquanto...

E agora. Muito devagar, olhe para mim...

Para o meu corpo. Olhe me despindo, devagar...

Olhe me despindo, me desejando.
Enfie suas mãos por entre minhas roupas.
Depressa...
Fico nua para você.
Beijo seus beijos molhados.
Afago suas carícias.
Será isto o amor?
Ou apenas um grande tesão?
Ou melhor (pior), uma grande ilusão?

Dr. Pigmalião

Adriana apaixonara-se por seu médico. Tudo faz para agradá-lo. Na minha frente pela segunda vez não sabe o que está fazendo ali. O médico mandou.

X, ou o Dr. Pigmalião como o denominarei daqui para frente, criou uma obra. E a sua obra está na minha frente sem saber o que estava fazendo. Não aparenta ter 40 anos Possui bonitos olhos verdes e está arrumada. Digo isto para ela. Sorri e conta-me mais uma vez:

– Eu pesava 104 quilos. Agora, estou com 64. Ainda estou um pouco gorda para a minha altura. Coloquei dentes, pois não tinha. O médico, como é que você chama?

– Dr. Pigmalião. Explico para ela que Dr.Pigmalião criou uma obra igual ao médico.

– Ah! Sim, continuando. Coloquei meus dentes para agradá-lo. Faço massagens para agradá-lo também. Minha vida agora é dele. Perdi minha vida. Quero morrer porque Dr. Pigmalião não me vê como mulher. Será que ele gosta de mim? Por que ele treme tanto quando fala comigo? Por que ele tem medo de mim?

– Não sei. Muitas coisas podem estar acontecendo.

– Não quero esquecê-lo. Sei que existem outros homens. Mas não quero. Quero ele ou então morrer.

Chora muito e diz que sua vida foi sempre sofrer. Sofrer e sofrer. Seu choro , manipulativo, é de uma vítima da vida que não aprendeu que pode conduzir sua vida. O que fazer com ela, pergunto-me? Ela veio me procurar para saber o que já sabe. Quer que eu a engane. Tento apenas compreendê-la.

– Eu a entendo. Mas não tenho condições de saber o que se passa na cabeça dele. Tentemos ver o que está acontecendo com você. Por que não começar a cuidar de você para te agradar

Ela chora muito e diz que quer sumir.

– Eu vivi uns dias tão feliz!... Parecia que eu ia estourar de tanta alegria. Agora, só penso em morrer. Mas, eu não posso morrer por causa de meus filhos. Meu marido, eu odeio ele. Coitado, agora só tenho pena. Você não vai me dizer para esquecer dele, do médico. Eu não quero esquecer.

A hora termina. Despede-se de mim. Já na porta, pergunta-me:

– Será que ele gosta de mim?

Chove muito lá fora. Dr. Pigmalião está no meu consultório. Está nervoso. Havia me telefonado. Precisava falar comigo. Início a conversa. E' um homem bonito, alto, magro e simpático.

– Vou te chamar de Dr. Pigmalião, pois criou uma obra e agora não sabe o que fazer com ela. Pois ela se apaixonou por você.

– Sim, foi por isto que eu a mandei ela vir falar com você. Um dia, ela se insinuou. No outro, tentou me beijar. E ai o que faço?

– A obra é sua. Percebe o que acontece com algumas mulheres que te procuram? Durante meses, todos os dias, elas têm o seu olhar de aprovação. E emagrecem para você. E' claro que a maior parte emagrece para elas, para os maridos, namorados. Só que Adriana emagreceu para você, pois ela nunca teve ninguém que a olhasse e investisse nela. Você fez isto. E ela se apaixonou. A vida dela agora pertence a você. Ela não sabe o que fazer com ela mesma. Fará tudo o que o mestre mandar.

– Eu nunca havia pensado nisto. Não existe a menor possibilidade entre eu e ela.

– Eu também não sei o que poderei fazer, pois ela não quer mais vir. Ela veio por sua causa. De qualquer maneira, tentaremos...

Continuo a perguntar-me o que fazer com Adriana?

Adriana entra rindo no consultório e

– Descobriu se ele gosta de mim?

– Você veio me procurar para saber o que já sabe. Quer se enganar.

– Se ele não me ama, quero sumir.

– Por que você não começa a se ver como uma mulher bonita e corajosa? Você conseguiu muita coisa.

– Só consigo chorar o dia inteiro. Não faço mais ginástica, nem massagem. Para que se ele não me quer?

– Sim, e jogar mais uma vez a sua raiva contra você. Que tal engordar tudo outra vez, arrancar os dentes e ficar bem feia? Não é melhor ficar o resto da sua vida chorando num canto?

– Choro o dia inteiro. Acho que não venho mais, pois se ele não gosta de mim, de que adianta? Agora, eu mando na minha casa, mas não na minha vida.

– Mas a sua vida é sua. Pode mandar nela. Pode arrancar os dentes ou continuar com eles. Você poderia ter sido empregada doméstica, mas resolveu ser algo mais.

Sorri e despede-se. Aperta meu braço, me dá um beijo. Agradece-me e diz que voltará.

Adriana foi embora naquele dia e nunca mais a vi. Perguntei ao Dr. Pigmalião onde estava Adriana.

– Ela falou-me que iria para a Argentina. e eu me sinto culpado com medo dela engordar de novo.

– E ver sua obra destruída? Fique tranquilo. Vamos torcer para que ela continue bonita.

Continuei a pensar em Adriana. Será que Adriana engordou? Será que arrancou seus dentes? Até que um dia telefonei para o Dr. Pigmalião e perguntei se Adriana havia aparecido. Sim, ela estava mantendo o peso, estava bem. Pedi que lhe que desse meu telefone de casa para ter notícias dela. Um mês mais ou menos se passou. Continuei na minha vida e esquecera-me de Adriana.

– Alô. Vera? Sou eu. Adriana.

– Adriana? Que surpresa!

– Esqueceu de mim? Você não sabe como me ajudou.

– Ou foi você que se ajudou?

– Olha, eu não arranquei meus dentes. Continuo fazendo regime. E mudei totalmente a minha vida. Separei-me. Mudei de bairro. Moro sozinha agora. Estou perto da minha família. Tenho saído e dançado.

– E o Dr. Pigmalião?

– Foi uma bobagem aquilo. Mas, foi bom, pois eu vi que ainda podia me sentir viva. Ainda fico por vezes triste, pois não tenho ninguém. Mas posso decidir a minha vida.

Assim, ficamos no telefone conversando por mais de uma hora. Depois deste dia nunca mais soube de Adriana. Nunca mais soube do Dr. Pigmalão. Todos aprendemos algo. E agora, reescrevendo sobre isto me pergunto: Por onde andará Adriana? Se alguém souber, por favor, escreva-me.

Clara

Clara aparentando 30 anos, alta e bonita. Apesar de grande, bastante feminina. Largara sua carreira e estava na mais perfeita crise conjugal. Em bom português sem eira nem beira, a procurar algo diferente.

Uma das coisas que a incomodava no seu casamento era na hora do ato sexual. Não adiantava comprar calcinha bonita nem lingerie. Músicas eróticas eram inconcebíveis. Clara, profundamente sensual, gostava de tudo às claras. Mas, com ele tudo tinha de ser sempre no escuro. Era um tal de apagar luz, desligar *abat-jour* e fechar cortinas que matava a imaginação e o prazer dos movimentos dos corpos se encontrando. Não havia espaço para brincadeiras. Só faltava mandar fechar os olhos. Será que teria que passar a vida trancada no escuro sem movimento?

No fundo de si perguntara-se um dia por que escolhera um homem que não a deixava brincar? Propusera a arrumar um amante para variar e sair deste lugar. Não suportava mais a mesma monotonia. Resolvera contar sua proposta para uma amiga que a avisou: cuidado, você pode se machucar.

A vida como de costume vai correndo e nós atrás dela que nem nos damos conta do tempo que passa. Um belo dia, Clara surpreendentemente bonita e alegre depara-se com sua confidente. E resolve nada ocultar. Rindo muito, meio em segredo meio zombeteira explode: _ Conheci uma pessoa. Saímos durante quase dois meses. Conversávamos muito e ele era uma pessoa excepcional. Um dia, resolvi enfrentar a minha culpa e fomos para um motel.

Neste momento ela teve um ataque de risos e a amiga sem saber o porquê também ria.

– Na hora H, ele começou a apagar a luz, a fechar a janela e a desligar o *abat-jour*. Tive um ataque de risos, Ele ficou furioso. Terminamos. Desisti de ter amantes. Fico com meu marido por enquanto até encontrar um que goste de tudo às claras. E' mais prático.

Flagrantes da vida real

caso 1

– Vovó, você beijava o vovô na boca? Pergunta o menino nos seus nove anos cheio de curiosidade e alegria.

Final de tarde, sentada eu estava no quiosque do Leblon depois de uma caminhada. Olho para a avó, tensa e fechada parecendo querer fugir dali. O menino repete a pergunta.

– Vovó você beijava o vovô na boca?

Sem saída, a avó responde secamente: _ Na minha época o namoro era na sala.

– Como? pergunta o menino?

– A gente namorava na sala.

– Você e meu avô não ficavam sozinhos?

– Na minha época havia respeito.

– Nem escondido você beijava na boca? Nem mesmo assim escondido?

Pobre avó toda fechada, está perdendo a grande chance de se tornar cúmplice do neto e mais tarde escutar as histórias de amores por vir. Pobre avó

que naquele instante perdeu a oportunidade de compartilhar dos medos e anseios de seu neto...

Mas, continuemos...

– Eu não acredito que você não beijou o meu avô na boca, nem escondido???? Nem escondido, uma vez só????

Silêncio... Escuta-se apenas as ondas do mar e o barulho dos carros.

– Vó.... Você não beijou mesmo na boca antes de casar? Agora o menino encara a avó e tenta decifrar na expressão dela algum sinal que lhe dê uma pista. Pobre menino. Não consegue. E resolve então partir para outra.

– Não acredito que você seja BV, Vó.

– O que é isto?

– Boca Virgem. Boca virgem, Vó. Hoje em dia todo mundo com 15 anos não é mais BV. O... (não consegui entender o nome, mas suponho que seja seu irmão mais velho) já beijou na boca.

– Não vejo vantagem nenhuma nisto, responde a avó mais seca do que nunca. O mérito está em estudar, ganhar uma competição, ser alguém na vida, ter uma boa profissão.

O menino atropela a avó. Ele não deseja um discurso e no momento não está interessado em ser alguém na vida.

Ele apenas deseja saber sobre a sexualidade das pessoas... Abruptamente afirma: Papai falou que ele e mamãe se beijavam na boca quando namoravam...

Tenho vontade de rir e me pergunto. E agora? A avó é mãe de quem, do pai ou da filha? Está desmoralizada...

A avó fica sem fala, imóvel e estática e o menino continua a pensar: _ Eu não acredito que minha avó era BV.

caso 2

Dia de semana, manhã de sol resolvo ir até Ipanema e aproveitar um pouco do mar e do sol. Seis meninas de mais ou menos 18 anos conversam. Uma ataca a outra.

– Sua mãe está pouco ligando se você volta tarde ou não. A minha se importa!

A menina atacada continua sem olhar para as outras. Esconde-se passando e repassando creme na sua tatuagem na altura do tornozelo. Uma delas se aproxima ficando a seu lado como se estivesse a protegê-la.

Continua a primeira.

– E', uma vez eu cheguei bêbada e disse para a minha mãe que havia tomado só uma. Eu sempre bebo, mas me comporto... Mas minha mãe sempre me controla.

Interrompe sua fala, pois seu celular está lhe informando que sua mãe está no comando.

A menina atacada aproveita a distração da que lhe que agrediu e sai de mansinho com a que lhe socorreu e aproveitam para dar um mergulho.

Continuam a trocar idéias sobre as mães. E eu reflito: como é difícil ser mãe. Será que a outra realmente não se importa com a filha ou será que confia? E se confia será que a menina não sente falta das preocupações da mãe?

caso 3

Andando na Lagoa pessoas passeiam e conversam alto. Dirão vocês que adoro escutar os papos dos outros. Gosto mesmo. Todos falam alto como se não tivessem segredos. Falam alto nos celulares, nos bares, no metrô.

Mas lá vou eu admirando a paisagem da Lagoa quando pai e filho passam por mim. O pai gordinho, grisalho, meio encurvado aparenta ser mais velho do que realmente é. É a imagem do cansaço. O filho deve ter uns 17 anos e não se incomoda com as expectativas do pai. Lá vai ele todo esticado com o passo apressado fugindo do saber do pai. Seu tórax parece desafiar a todos principalmente a seu pai que lhe diz:

– O fulano (presumo que seja algum primo), ele fez um ótimo curso agora está na faculdade e já sairá empregado.

Foi tudo o que pude escutar. Era tudo que o filho não queria ouvir, pois deve ter feito isso a vida inteira. E lá vão eles... O pai cansado de ser ignorado pelo filho. E o filho com a certeza que tudo sabe e que tudo conquistará. O mundo está na sua frente para ser devorado.

Ela

Um dia, imaginara que tudo seria fácil. Parou para deparar-se com a finitude de seus sonhos. Continuar a esperar seria mais uma vez uma manobra caótica de seu desejo insaturado. Matá-lo seria preciso. A quem? Perguntara-se ela. A ele? Ou a seu desejo?

Ela, que sempre existira, já conhecera o só. E agora, ali, perguntara-se mais uma vez, para quê? Tudo sempre fora uma grande representação? Arrancar de si o que não fosse representação seria uma operação impossível. E o que mais a maltratara e aos outros era esta eterna inoperância em saber, que nada levaria a nada. O ritual seria sempre o ritual. E a solidude acompanharia a todos que não saberiam do como se livrar do estar só.

Olhara pela ultima vez o que já não existia e descartara pela primeira vez o que nunca existira. E daí? De repente tornara-se apenas uma grande tristeza. Seu corpo doía, seus olhos choravam. Sua dor era sua. Deitar sua cabeça em algum colo amigo seria agora impossível. Ele, no momento, não a queria. Quisera dormir com o fato de talvez no ultimo ato alguém a entrelaçaria mais do que queria...

Onde estaria seu sorriso? E seus olhos, que brilhavam sem fim? O dia chuvoso sem palavras e úmido a fizera mais fria e por estranhamente mais terna. Enroscava-se como uma gata por baixo de suas cobertas. Seus lábios trancaram-se para não gritar. Seus dedos endureceram-se para não discar o número que não a atenderia. Ela, agora, estava ali a olhar o dia infinito. Será que alguém pudera acreditar que atrás daquele sorriso existia ela, que também conhecia a solidão? De repente, de pé olhou o tempo lá fora. Não existia o lá fora. Apenas aquela dor que ela não sabia de onde vinha nem para onde ia.

Rasgar seu sorriso era fácil. Mas como costurar seu cansaço? E onde estava o rasgo? Havia dentro dela mais sentimentos e amor para dar que qualquer um pudesse suspeitar. Ela não era de todos, nem de qualquer um. Ela sempre fora apenas ela.

De repente olhou para si e não sabia se realmente era uma dor ou era qualquer coisa que a entediava. Fixou sua imaginação no olhar dele e percebeu que tudo se esvaía no ar. Ele não era tão forte como o vento para que pudesse deslocá-la. Nem tão brando que conseguisse suportá-la. Sua dor era como o ar. Ninguém conseguiria pegar nem mesmo apagar. Ele jamais saberia que ela ficava em pé com uma enorme dor. E ela desistiu de sofrer. Pegou sua dor e suas lágrimas, escondeu-as por baixo dos cobertores. O

que sobrou colocou dentro de um chá. O que restou guardou para lhe enviar daí a alguns anos. Talvez, aí sim, ele conseguisse colocá-la um pouco no colo e dizer: – Mas, como, você tem dor?

Ele

Ele por sua vez nunca acreditara. Ela que tanto o amara fizera as malas e fora embora. Estava a olhar o que? Nunca a amara. Não conseguia perceber o quanto ela fora importante na sua vida. Pensara sempre que o melhor seria libertar-se dela. Pensara sempre que nunca a tinha amado. Mas, o que fazer agora?

Ela fora embora sem gritos nem lamentos. Sem avisá-lo que estava indo. Sem lágrimas ela abandonara-o. Havia deixado a aliança ao pé do *abat-jour* que já não funcionava. Havia deixado as plantas que cresciam e as quais tanto cultivava.

Pela primeira vez ele que sempre a abandonara sentiu-se abandonado. Mas, finalmente livre... Pensando bem as outras teriam mais mão para afofá-lo, mais carícias, mais amor para dar... Para que continuar a pensar em uma mulher que sempre lhe fora inútil? Que sempre fora agressiva a lhe mostrar os defeitos? Ele queria uma mulher diferente. Graças, nunca mais teria que suportá-la.

Enquanto isso ela pensou que passara muitos anos a estabelecer um romantismo que se existisse entre os mortais teria tornado o mundo menos cruel

e violento. Seus olhos preferiram por vezes se fechar a enxergar uma realidade maior. Mas naquele momento, ela não o culpava por não tê-la amado.

Lembrava-se do bilhete que deixara é claro influenciada por Chico Buarque. “O aipim na geladeira jamais se estragará com teus cuidados. As maçãs serão sempre devidamente lavadas. A casa estará sempre a brilhar. Deixei a aliança que você me deu debaixo do *abat-jour* que está sem a cúpula. Meus desejos de te afagar, acariciar, abraçar escapuliram por aí. Meu amor por você se algum dia precisar dele e quiser encontrá-lo talvez esteja debaixo do tapete que sempre quis lavar e você não deixou. Se não estiver lá deve encontrá-lo na primeira mulher que você beijar”.

Queira-me bem, não custa um vintém

Duas amigas encontram-se e Amanda começa: A vida por vezes parece pior que novela. Tudo começou com uma batida de carro. Estava no carro de outra amiga, a Laura você se lembra como era dirigia mal? Eu lhe avisei: “Freia, freia. Ela foi direto na traseira de um super carro. Dele saiu um super homem, super bonito, que gritava super ofendendo a ela. E a mim. A cena estava super engraçada. Ele, a berrar, dizendo que podia comprar todo mundo, mas que não admitia incompetência. Ela, a chorar igual a uma idiota. E eu ali entre os dois tentando acalmá-los”.

De repente eu gritei mais alto: - Pare! Vamos tirar os carros para que não aconteça algo pior. Acalme-se, isto não é o fim do mundo.

E ele: – Eu tenho seguro, mas ela vai me pagar. Tudo, até trabalho de mandar consertar o carro.

E eu: – Calma, ela vai lhe pagar. Ou eu o seguro, ou terei de lhe segurar, pois você é muito agressivo.

– Como irei confiar nela? Cadê os documentos? Prove que vocês são confiáveis.

Como Laura ficou idiotamente paralisada entreguei meu cartão de visitas para ele dizendo:

– Qualquer problema pode entrar em contato comigo. O pai dela apesar de estar doente pode pagar o conserto do seu carro caro. Mas, lembre-se bem de uma coisa: “Queira aos outros bem, que não custa um vintém”.

– O que você falou? Respondeu sem compreender nada.

– Queira-me bem porque não custa um vintém.

Os meses se passaram. Talvez dois ou três. Não sei. O irmão de Laura entrou em contato com ele, consertaram o carro e eu vivia a minha vida. Esqueci do incidente.

Um dia surpreendentemente o telefone toca e a voz fala:

– Queira-me bem, aqui é o Sem – vintém. Você pode vir a me querer bem porque não custa um vintém?

Fiquei paralisada E a voz:

– De repente encontrei o seu cartão e desde a batida lembro-me de suas palavras. Estou no Rio. Podemos almoçar? Talvez, você possa me perdoar.

Fomos almoçar. Conversamos muito. E desde aquele dia sempre que vinha ao Rio me telefonava. Sempre que possível saíamos. Eu estava casada,

vale lembrar. Ele também. A intimidade foi crescendo. Isto durou alguns meses. Um dia, sim acabamos por fazer amor. E daí uma grande paixão.

Depois de algum tempo, ele veio morar no Rio. Cobria-me de livros e de entradas de teatro. Deixava na portaria com o seguinte recado: Do Sem- vintém para o Queira-me bem. Ele tinha um motorista que me apanhava em casa. Eu não queria aceitar os presentes por achar que ele estava me comprando. Ele comprava todo mundo. O que fez com que ele se aproximasse de mim foi o meu desinteresse pelo seu dinheiro. No final, ele confessou-me que não dava as coisas por mim, e sim por ele, pois assim tinha certeza que estaria lendo em casa ou no teatro com minha filha ou amiga.

Vivemos um grande amor. Eu virei o Queira-me bem. E ele, o Sem- Vintém. Na época eu já havia me separado.

Um dia, a mulher dele aparece com câncer. Ele havia me falado que não queria se separar porque achava que ainda gostava dela. Ele entrou em pânico. A culpa dele aumentou. Tentei tranquilizá-lo. Na realidade o que precisava era eu ficar tranqüila. Estava a prever o que me aguardava.

Depois de dias sem dormir, de ter lavado toda a minha casa com lágrimas sem fim tomei a decisão e já pálida e magra falei para ele:

– Sem-vintém, temos de nos deixar. Foi bom enquanto durou. Não quero atrapalhar a vida de

ninguém. Apesar de gostar muito de você tenho de aceitar a sua escolha. Quisera ter conhecido você mais cedo ou mais tarde.

Emagrecemos alguns quilos. Conversamos alguns quilômetros. Tivemos mil noites de insônia. Fizemos amor desesperadamente sabendo que tudo iria terminar.

Um dia, ele me liga e fala. Vamos para São Paulo. Passaremos cinco dias.

– Por que cinco?

– De segunda a sexta. Porque no final de semana tenho de estar aqui.

– Eu não conseguia parar de vomitar. Sabia que seria o final. Não tive coragem de não ir, de ficar. Foram cinco dias maravilhosos, ou horrorosos. Um sonho que em breve acabaria. Ou um pesadelo que permaneceria? Olhava-me no espelho e perguntava-me: - Por quê? Seria real? Seria um pesadelo ou um sonho? Na última noite não conseguimos dormir. Abraçados ficamos... Nunca fizemos tanto amor... Até que... Até que amanheceu e eu no carro com as lágrimas rolando, indo para o aeroporto, intrigo o motorista que me pergunta:

– Por que a senhora chora?

– Porque esta talvez seja a última vez que nos vejamos. Decidimos cada um viver a sua vida...

– Ele gosta muito da senhora. A senhora se lembra daquele dia da batida, lembra? Ele ficou

uma fera com a senhora por ter enfrentado ele. A senhora é fogo, sabe? Sabe brigar e falar coisas que não sei o nome. Ele mudou alguma coisa, não sei o nome. Sabe o que me deu neste Natal? Uma cesta enorme, brinquedos para os meus filhos e o 14º salário. Não consegui entender muito bem, mas tinha escrito num cartão “Você é um bom motorista. Apesar dos meus maus humores_ _ Queira-me sempre bem que não custa um vintém”.

– Eu não sabia se ria ou chorava. Desandei num pranto que o motorista não sabia o que fazer. Tecia-me de elogios e por fim no aeroporto ao nos despedirmos choramos os dois.

Ao acordar no sábado, não sabia o que fazer. O mundo lá fora estava cinza escuro. Cinza chumbo... Eu parecia uma leoa enjaulada. Não podia contar isso para ninguém... Você sumira. Comecei a odiá-lo por ter preferido a mulher. E fiquei assim durante alguns meses. De vez em quando, ele telefonava. Ainda nos encontramos por algumas vezes. Já não era a mesma coisa. O encanto havia se quebrado. Eu já não sabia se o odiava ou se o amava. Por fim, resolvi usar minha raiva para libertar-me dele. Aí dei de cara com o meu casamento que não mais existia. Há um ano e meio que tinha virado amante. Agora, estava só.

Hoje, somos amigos. De vez em quando ao chegar na portaria deparo-me com um livro, uma

caixa de bombom ou qualquer lembrança. Ele agora mora em São Paulo e por vezes me liga. Você já se esqueceu do Sem Vintém?

Sonia, a amiga, também sem conseguir respirar consegue apenas murmurar

– Parece que você já resolveu esta aventura. A vida não é isto? Viver nossos momentos que depois parecem terem sido sonhos? Viver o presente é difícil quando se pensa no futuro e fica-se preso ao passado. Por que não viver simplesmente o presente? Quem sabe do futuro?

Carlos

Carlos, esquelido, com enormes olheiras julgasse o mais perdido dos homens. Por que não se casara? Por que não tivera filhos? Por que tomara conta sempre da mãe e dos irmãos? Por que não ousara levar sua própria vida? Por que sempre em função dos outros? Por que quando decidira se unir a alguém, este alguém resolvera ter um filho? Ela, muito mais nova, lógico e mais do que natural desejar ser mãe. Por que não escolhera uma mulher mais velha já com filhos?

Mas ele desejara ser pai? Logo agora que iria se aposentar... Olhariam para ele com aquela criança e se questionariam seria o pai ou o avô? Já estava com idade para ser avô... E se morresse antes? Se chegasse aos 80, seu filho teria 20. E se não conseguisse caminhar até lá? E se fosse mulher e já tivesse morrido para levá-la ao altar? Mas esse filho seria mulher ou homem? E será que ela se casaria? Não, nem pensar... Nem pensar em ter uma filha lésbica. E se o filho fosse homossexual? E como encontraria energia para jogar futebol com seu filho? E... E... E logo agora seu computador não estava a funcionar direito. Como ensinar a ele o que não sabia?

Carlos, esquelido, com uma expressão de criança abandonada, não para de falar de todos os seus medos.

– Carlos, pare um pouco. Você está com medo. Até então sua vidinha era controlável. Você sabia exatamente como representar seus vários papéis. Agora o papel de pai é novo. Só se aprende a ser pai com o filho.

– Eu não estou com medo. Estou em pânico. Topei que ela engravidasse. Mas, agora não consigo dormir. Estou deprimido. Quero fugir. E aquele maldito computador não funciona... Fico a andar de um lado para o outro. Se ao menos pudesse me distrair jogando no computador!...

– Era seu desejo ter um filho. Você não está acostumado a lutar por eles? Se irão pensar se você é avô ou pai, não importa. Chaplin, o Carlitos, já mais velho...

– Eu não sou Carlitos, sou Carlos que pensou que quando se aposentasse seria livre.

– Livre de conflitos?

– O que você quer dizer com isto?

– Que estamos vivos e enquanto vivermos teremos conflitos. Sair ou não sair? Comer carne ou frango? E outros mais sérios; ter ou não ter filhos? Será que agora não resolveu seu conflito que o persegue há tanto tempo? Você fez sua escolha...

– Fiz. Será? Será que não foi ela? Ou minha mãe, que queria mais um netinho. Será que eu não quero agradá-la? E eu? Onde fico? Quando meu filho crescer precisarei de mais um computador.

– Você está com medo Carlos. Ame seu filho. Você terá mais tempo e tranquilidade para curtir a infância de seu filho. Não precisará deixá-lo com estranhos para sua esposa trabalhar. Fique quieto e calmo. Se for menina faça cachinhos e coloque lacinhos em seus cabelos. Se for menino role com ele no chão. De qualquer maneira ensine-o/a viver.

Flora

Flora. Floração. Flora é a universalidade das flores. Flora ao nascer percebeu que nem todos seriam iguais. Alguns corruptos. Outros, ordinários e armazenados de conceitos para passarem sempre o outro para trás. Este outro poderia ser até o próprio na ingenuidade da hipocrisia do achar que sabe mais do que todos.

Flora saberia que desde ao nascer seria diferente. Olhara para aqueles rostos vestidos de branco a cuidarem dela. Alguns com carinho e outros com a mais profunda desconsideração. Aliás, estava a entrar pela primeira vez naquele mundo que não a poderia decepcionar. Ironia do destino? Desde o primeiro momento teve vontade súbita de voltar ao útero materno. E desde então perdurariam para sempre suas vontades súbitas. Sacudiam seu corpo, falavam alto demais, cuspiam e não a viam. Tentava gritar, mas a única coisa que conseguia fazer era berrar. Neste instante tudo começou a piorar. De um lado para o outro a levavam como se fosse apenas um pequeno embrulho sem uma alma a cuidar.

Flora conseguiu por meios lícitos ser bem cuidada. Algumas vezes muito descuidada lembrava

que nunca a colocaram no colo com profundo amor. Era o que sempre a perseguira e precisava descartar este desejo súbito e imperativo. Ser cuidada. Acabava por sempre cuidar e agora era ela quem cuspi nos olhos de quem a maltratasse.

Acostumada com sua solidão, continuava a perseguir o destino de um destino maior que o imperativo desta necessidade de sempre gritar quando as coisas não saíam a contento. Estudara filosofia. Prática vã para seus sonhos eróticos. O que possuía era a voluptuosidade das velhas putas. E agora naquele quarto não conseguira encontrar nenhum macho à sua altura. Todos fugiam diante de sua inesperada vontade de viver e de conseguir alcançar seus mais secretos desejos.

Quando pequena, ficava a olhar naquela pela sala com prédios ao lado e perguntara-se: Será que todos pensariam como ela? E o que ela pensara? Que o mundo poderia ser diferente. Aquelas galochas que sua mãe a obrigava a usar eram insuportáveis. Talvez ninguém mais saiba o que isto significava: prisão ao mando do patriarcado. E se o mundo fosse diferente, como seria? E por que a água do mar não entornava? Calada, não admitira fazer de suas perguntas indagativas motivo da curiosidade dos que não a entendiam... Os adultos, aqueles seres imperativos com ar de que tudo sabem não lhe responderiam. Não a entediam porque ela sempre

soube que existia um mundo paralelo ao lado daquele a que chamavam real.

Sua imaginação era mais do que real e precisara por vezes fazer um exercício de disciplina para entender a história do Brasil e conceitos concretos de rios e composições de Senado e Câmara. Tudo isto era na realidade muito chato e cruel para um pequeno ser que amava ficar na realidade do Sítio do Pica-pau Amarelo. Com seus filhos ao olhar aquilo na tv o mistério se esvaiu. Emília era toda diferente. E o Visconde de Sabugossa também. Tudo era mais vivo e mais dinâmico. Igual à vida

E aqui estou a escrever, e para completar uma página faz-se mais do que um esforço. Não seria melhor beijar aqueles beijos de língua inflamados?

Beijos inflamados. Por vezes Flora os teve. Ela, que sempre fora mais que inflamada. Disputara pela primeira vez o lugar de testar a ultima lisura do que ninguém foi. Alguém me entendeu? Não é para entender, É para viver. Flora, Florismunda, coisa que muitos outrora apelidaram de vagabunda nunca teve isto. Pobre Flora. Pare de falar pobre Flora. Vagabunda, ela vagabundeou tentando a sorte na vida de quem alguém por fim a amasse. Mas trabalhadeira ou trabalhadora como ela é ainda há de existir. Vagabunda? Ela nunca vagueava a bunda, mas a mente mais fértil do que a bunda punha-se a imaginar que ele fora procurar outras bundas porque a dela nunca se abriu para desbundar-se.

Por favor, vamos nos silenciar. Flora sempre soube o que era mais imperativo naquele momento. A sua casa era sempre limpa e para ninguém acusar nenhum defeito. O que teria mais. O seu devido lugar? Que lugar? Vocês sabem o que corresponde o espaço e o lugar de cada qual?

MENTIROSOS. Vocês evitam sempre o mesmo lugar. Parecem que esquecem que todos iremos para lá.

Todos estão a cada momento a apontar a arma do livre arbítrio que existe, mas que a cada momento torna-se mais difícil a escolha.

Cuidado Flora, você está a um passo de se tornar mais solitária do que os seres programaram. Cuidado Flora, que sempre negou a bunda e sempre desejou os meios mais lícitos para gozar. Beijos ardentes, mãos nos seios e que correm mãos abaixo. Cuidado Flora, você já foi traída. Quantas vezes? Ainda acredita no quê?

Flora, que floresce a cada dia. Vá dormir com os anjos porque o homem de sua vida ainda não surgiu. Iludida está. Todos lhe traíram. Cada um quis apenas enfiar seu pênis na sua vida e você permitiu. Vá embora Flora. Não permita mais que usurpem de seu nome.

Flora, Florismunda, cansou de sempre ser igual e lançou-se para mais que o diferente. Todos logo

apontaram o dedo para que voltasse ao igual e não ao diferente. Com o olhar de sempre e mais do que posuda torpedeou aos que não a permitiram ser diferente e lançou o laço para a dança mais do que diferente e precisa. Por isto mais que decidida comprou para início de conversa uma saia goiaba vermelha e um corpete laranja- cheguei. Seus olhos foram cravejados com sombras prateadas que lembravam a lua no seu maior fulgor. Suas bochechas já cansadas tiveram um ar mais pálido, mas que a protegiam do orvalho que não conseguia parar de lembrar-lhe que já estava a ultrapassar o limiar da liberdade. Ah. Seus lábios ardentes e sempre quentes... Quem sabe um batom com aquele seu olhar? Vamos em frente.

Flora que um dia irá desflorecer. Existe esta palavra para evitar o morrer? Flora precisa ser sempre mais do que precisa. A gente sempre se estrebucha no nascer, no viver e morrer. A gente sempre...

E aí Flora ficou a olhar os olhares que nada têm. E chorou mais do que os anjos poderiam admitir. O que poderia falar quando é melhor calar? O que deveria olhar quando o mais necessário é ocultar? Por favor, Flora vá embora para um lugar seguro porque todos estão a lhe escutar o que você não deseja falar. Vá embora Flora ninguém na realidade lhe amou. Escute o silencio que impera em sua vida.

Flora, responda rápido. Quem realmente lhe admira? Quem daria sua vida por você? Nada disso é importante desde que você seja mais rápida do que os esquilos e armazene as informações e não deixe que ninguém lhe atormente. Seja daqui para frente sutil e misteriosa e não revele seus projetos para ninguém. Seu mistério é seu.

Flora lembrou-se naquela fria manhã de seu nascimento, os outros partos da sua vida. Enrijeceu-se e procurou que coisas mais sublimes acontecessem.

Flora sábia que muito pode acontecer pegou um chapéu azul rei não muito usado e correu inevitavelmente para se proteger. E de repente percebeu que tinha duas alternativas: azeitava seus próprios olhos ou seguia a caminhar. O chapéu sempre seria vazio a não ser que alguém o tivesse enchido de poderes.

Julia

Julia tem uns 45 anos e orgulha-se de ser virginiana e procurar a perfeição. Empenhou-se sempre e por toda sua vida a organizá-la de uma maneira perfeita. Veste-se bem, sem ostentação. Vangloria-se de ser econômica. Tentou manter as coisas sempre a funcionar na mais perfeita perfeição. Só que nunca conseguiu. Ora era a empregada que não aparecia, ora o filho que tirava más notas ou a filha que escolhia mal o namorado.

Quando o carro enguiçava era um drama. Os canos que furavam a enlouqueciam. Quando fazia um bolo e ele não saia cem por cento corria a se culpar e a se auto-exigir mais do que podia.

Um belo dia deparou-se com um casamento que não era como queria. Muito menos como havia desejado. Ficou furiosa e reorganizou sua vida pretendendo reenquadrar o marido em seus sonhos. Bem que já havia notado várias falhas, mas como achava que tudo dela dependia esforçara-se para ser mais esposa, mais mulher, mais mãe e mais e mais. Mas quanto mais ela fazia menos o marido a queria.

Julia apareceu no consultório num dia chuvoso feito para os que podem ficar em casa a ler um bom

livro. Não era o caso dela que precisava urgentemente falar com alguém. Descobrira e estava atordoada mais do que isto apavorada... Descobrira finalmente ser absolutamente impotente diante do fato já esperado, é claro, mas abafado: que o desejo do marido era o de se separar.

– Eu disse que ele não podia fazer isto comigo. Que ele não havia me perguntado. Eu chorei, esbravejei, passei a noite em claro, chorei um pouco mais, mas lembrei-me daquela musica do Chico – *Mas, como era de costume, obedeci...* E agora o que faço? Eu sempre consegui resolver tudo. Será que já estava sozinha?

A partir desse dia Julia analisava e reanalisava seu passado para verificar todos os pontos em que havia errado. Chegava sempre à conclusão que ele, sim, havia sido ingrato. Não conseguia mais lembrar dos dias em que fora feliz. Fazia do seu passado um grande fracasso e um grande erro. Mesmo achando que ele fora o culpado não conseguia se perdoar.

Foram meses de terapia até que se permitiu ser menos culpada, menos perfeita e mais impotente. Transformou sua vida e conseguiu viver sem ele. Mas, o que fazer com seu passado? Ora dele se esquecia. Ora conseguia ser feliz com seu presente. Mas como sempre houvera vivido o presente para construir o futuro, ficar no presente a incomodava. Não estava acostumada. Ou estava no passado, ou

no presente para construir seu futuro. Consciente deste movimento interrompeu a terapia para aprender a caminhar pela vida no presente.

Mais ou menos dois anos se passaram e nunca mais soube de Julia. Eis que de repente noutro dia chuvoso desses que temos vontade de ficar em casa, resplandece Julia no consultório. Está bonita e alegre. Disse-me que estava passando por lá e arriscou-se porque sabia que em dias de chuva alguns clientes faltavam. Quem sabe alguém teria faltado e ela poderia conversar um pouco comigo?

De fato o cliente faltara e ela entra. Senta-se com classe e abre a bolsa. Tira um envelope bem manuseado. Dentro dele um recorte de jornal. Um recorte de jornal pequeno que ela desdobra e, rindo, lê.

“O passado não é imutável, você pode reinventá-lo quando outorga um significado diferente às memórias. Você não deve considerar o passado uma fatalidade, mas se o fizer, saiba que isso é uma decisão que você toma livremente”.

Termina de ler e fala:

– Um dia deparei-me com um jornal de São Paulo e fui ler o horóscopo feito pelo Quiroga. Foi como se recebesse um soco. Parece que acordei. Fiquei extática porque percebi que eu lia e relia meu passado como sendo uma coisa ruim e aí eu me sentia ruim e minha auto-estima ficava lá em baixo.

Acho que há uns seis meses modifiquei-me bastante, pois a releitura do meu passado é muito boa. Cresci como pessoa, sou boa profissional, meus filhos estão bem e minha casa também. Percebi que nem tudo depende de mim. Ou melhor, quase nada.

– Precisava vir falar com você para dizer que agora compreendo o que você tentava me esclarecer. Que eu queria construir um futuro perfeito. Com a separação, o futuro que havia construído foi por água abaixo. Fiquei sem futuro. Comecei então a difamar meu passado porque fora responsável pelo meu não-futuro. E o que fazer com meu presente? Que garantias eu teria agora com o futuro? Que complicado!... Do que somos capazes... Estragamos nossas vidas com expectativas...

Poesia de Chaplin

Cada pessoa que passa em nossa vida
Passa sozinha
Porque cada pessoa é única
e nenhuma substitui a outra!

Cada pessoa que passa em nossa vida
passa sozinha
E não nos deixa só
porque deixa um pouco de si
E leva um pouquinho de nós.

Essa é a mais bela responsabilidade da vida
E a prova de que as pessoas não se encontram por acaso

Charles Chaplin



O aborto e os fósforos

Rodrigo entra. Tem quase dois metros de altura. Está em terapia há seis meses. Procurou-me por achar que estava louco por estar chorando. Passou por perdas. Nunca soubera do pai... Sua irmã morrerá. Seu irmão morrerá. Seu primeiro amor fracassara. E o segundo também. Amava profundamente a seus dois filhos do primeiro casamento. Um homem e uma mulher. Estava separando-se da terceira mulher. Era um final de tarde chuvoso. Rodrigo entra e chora. Chora muito já sem medo de estar louco. Sabe que sofre...

– Por que ela levou tudo? Tudo? Até a caixa de fósforos? Cheguei em casa para esquentar a comida. Nem comida, nem fósforo, nem pude acender o cigarro. Por que ela levou até a caixa de fósforos? Nós havíamos combinado que ela iria embora. Ela concordou. Mas, por que ela me deixou no escuro?

– Ela deve estar muito magoada com você. O aborto, você não foi com ela lembra-se?

– Mas ela falou que não queria este filho. Eu sou contra o aborto. Ela deveria ter se cuidado para não engravidar. Oh Deus! Sinto-me só. Minha cabeça explode.

– Você é contra o aborto, mas não queria o filho e deixou que ela fizesse o aborto.

– Eu não deixei nada. Ela falou que este filho iria prejudicá-la em sua vida profissional... Ela não queria este filho porque eu não mais a amava... Estou confuso.

– Como falei na semana passada, ela queria este filho mesmo sabendo que você não mais a amava. Mas, ela gostaria de ser mãe. Talvez, ela ainda gostasse de você.

– Mas por que se eu a compreendi tão bem estes anos todos, ela levou todos os palitos de fósforos? Ela não pensou em mim? Por que então ela não falou que queria este filho?

– Talvez ela tenha lhe dito que não queria este filho porque sabia que você não o queria. Talvez ela precisasse de que você quisesse para poder querer.

E, Rodrigo chora... Chora pelo pai que não conhecera, pelos irmãos que morreram, pelas mulheres que não pudera amar, pelo filho que jamais existira e, principalmente pela caixa de fósforos que lhe mostrara o quanto perdera nesta vida. Rodrigo chora por ter sido um filho não desejado pelo pai... Rodrigo chora porque acabara de fazer o mesmo com seu filho...

Marieta

Marieta era pura e bela
e usava carmim nos lábios.
Marieta, pura e bela
tinha uma grande paixão.
Vivia paixão. Sonhava paixão.
Comia paixão.
Plantava paixão.
Sua vida resumia-se a uma grande paixão.
E a um grande tesão.
Aquele que nos contam nas estórias...
Aquele que nos dizem existir.
Aquele, que nos faz dormir paixão,
comer paixão, sonhar tesão.

Marieta pura e bela
que usava carmim nos lábios
plantava paixão e vivia para seu grande tesão.
Um dia, descobriu que plantava paixão, semeava tesão e
O que colhia?
Solidão...

Marieta, pura e bela
que usava carmim nos lábios
arrancou seu tesão. Desplantou sua paixão.

E enterrou o seu grande amor...
Aquele que dizem que existe.
Sem uma lágrima, recolheu as últimas flores que plantara.
Recolheu sua paixão.
Recolheu seu grande tesão.
Recolheu-se, sem compaixão...

Onde estará Marieta?

Marieta pura e bela
apareceu-me esquelética e pálida.
O que comeria se só gostava de paixão?
O que dormiria se só tinha tesão?
O que plantaria se só conhecia o amor?...
Marieta, ali, na minha frente
pálida e esquelética
já sem carmim nos lábios com olhos fundos,
olhava-me a pedir socorro.
E eu pensava: protótipo de mulher...
Mulher apaixonada...
O que fazer com Marieta?
Colocá-la no colo?
Colocar um pouco de blush no seu rosto?
Ou quem sabe?...
Quem sabe, o que?...
Marieta fala:
A mágoa corroí-me.
Dói mais fundo do que o fundo do poço.
Eu arranquei assim,

para não doer.
Não adiantou...
A mágoa tornou-se raiva.
A mágoa virou vontade de morrer,
de não comer,
de não querer,
de não dormir...
A mágoa tornou-se mágoa,
e de tanto querer
e de ver tanto não querer...
Por que não viver?
Por que não comer?
Por que NÃO?

Tempos depois
Marieta que usava carmim nos lábios me procura.
Marieta está bela.
E conta muito baixinho
o que nunca tivera coragem...
Pintei minhas sobrancelhas de preto,
deixei meu cabelo crescer.
Encurtei minhas saias mais do que pude
e fiz tanta ginástica que acabei com bunda...
Comprei numa loja um ar de puta
e na outra um olhar de qualquer uma...
Deixei minhas lágrimas em algum lugar
e comecei a dançar com qualquer um.

Você sabe o que aconteceu?
Aquele a quem eu desejava me perseguia.
E eu, que tanto o tinha querido o preteria.

Fatalidades fazem parte

Reconheço aquela mulher. Tem lindos olhos verdes e cabelos negros. É uma mulher bonita. Seu marido um pouco mais velho compra os ingressos do cinema. Aguardam sentados a sessão iniciar. Nenhuma palavra eles trocam. Calados ficam até seus olhares silenciosos não se encontram. Uma distância enorme os divide. O que estará ela pensando? E ele? Por que nenhum tem coragem de iniciar a conversa. E assim ficam por quanto tempo? Dez vinte minutos?

E que tenho eu a ver com isto? Por que isto me incomoda tanto. Olho para o silêncio dos dois e imploro. Por favor, falem algo. Falem do passado, das dores que têm, das mágoas. Quantas coisas vocês já enfrentaram e quantas outras vocês desfrutaram? Por que todo este cansaço?

Nenhuma palavra. Nenhum olhar. Nenhuma mão a se entrelaçar.

Ao lado um casal jovem beija-se freneticamente como todos os adolescentes cheios de desejos. Olho para aquele outro casal e penso. Vocês já foram jovens. Todos já passamos por isto. Por que não recuperar um pouco este alcançar?

Por ironia do destino o filme Fatal, uma jovem com um homem bem mais velho retrata os relacionamentos e, existem casais que vivem 40 anos e não conversam, faz parte de um diálogo.

Preciso dizer que para meu sofrimento eles se sentaram na fileira abaixo da minha e não tive alternativa que não controlá-los.

Imploro aos deuses que eles aproveitem o filme e o utilizem para se reencontrarem.

As luzes se acendem. Não para eles. Saem como entraram. Calados, silenciosos, sem se encontrarem. Talvez agora mais distantes do que antes porque impossibilitados de falarem do que?

Do que fatalmente lhes aproximaria. Deles...

O mar e o amar

Eu sempre lidei com o Real. Um dia, não sei porque resolvi desafiar o mar e o amar. Em Ipanema. Ipanema, com suas ondas nem sempre tranqüilas, parece mais mãe do que Copacabana. A ‘princesinha do mar’ perdeu seu império por se tornar uma garota de programa. Morei em Copa. Todos na praia se conheciam e conseguir enxergar o Corcovado estando dentro do mar era um desafio e tanto. Depois, com o aterro da orla, perdeu a graça, ele logo aparecia. Era doce o mar e as pessoas sabiam reclamar seus direitos mesmo quando aquelas tábuas de pegar jacaré batiam em nossas pernas.

Lembrava-me destas coisas sentada num banco na praia de Ipanema. O mar adiante, naquele dia tão calmo, tão plácido, parecia aconchegar os namorados. Observando um casal de idosos que passeava de mãos dadas sob o sol de junho imaginei a vida que tiveram e surgiu uma vontade de abordá-los. Pensei que jamais souberam o que era a solidão. Parece que adivinharam meu desejo, sentaram a meu lado e inesperadamente depois de algumas observações comuns entre pessoas que freqüentam

a praia, fiz o comentário e a pergunta que estavam a me perseguir:

– Eu queria mesmo conversar com vocês. Chamaram-me a atenção porque... parecem tão felizes! Vocês se incomodariam se me falassem um pouco de suas vidas?

A senhora de aproximados 70 anos vira-se para mim e fala: – É claro, minha filha... Você quer a receita? Eu lhe darei. Encontre-me aqui com chuva ou sem chuva depois de amanhã às... Você trabalha? Qual é o melhor horário para você? Sabe, gostei de você...

– Obrigada. Sim, eu trabalho. Sou psicóloga. Escuto dia a dia o desamor. Quem sabe a senhora poderia me falar do amor? Quem sabe terça-feira às nove horas da manhã? E o senhor, concorda em conversarmos?

– Claro, minha filha. Você é muito simpática. Temos boas estórias a contar. Mas, um de cada vez. Ela – e aponta carinhosamente para a esposa – gosta de falar muito.

Ela sorri com aquele sorriso que deve ter sido mais alegre que a alegria, mais divertido que a melhor piada e fala: – Se chover traga o guarda-chuva; ou quem sabe, a barraca?

Também sorri com o melhor de meus sorrisos. Com o que dispunha na hora. Combinamos....

Cumprimentamo-nos, abraçamo-nos como se íntimos fossemos. Reparei que os olhinhos dos dois brilhavam à procura de um passado. À procura de serem ouvidos.

Se eles estavam excitados eu também estava. Chega a terça-feira . Olho para o céu. Azul, meigo. Vou ao local escolhido. A mulher estava de maiô. O mar quebrava suas ondas docemente como se não quisesse nos importunar. A praia, vazia. E ela parecia que não havia parado de pensar desde então. Foi enfática.

– Desde que nos encontramos as coisas parecem que tomaram outro sentido. Coisas que estavam adormecidas apareceram Sempre vivi. Por que falo sempre vivi? Às vezes perguntava-me: para quê? Será que você pode me responder? Talvez você entenda. As mulheres, as mulheres são impossíveis. Elas acreditam no amor... Elas acreditam, ou precisam acreditar no amor... Eu também acreditei em tanta coisa... Você me acha feliz? Não sei o que fazer com esta palavra... A gente acredita nela até mais ou menos descobrir que não existe. Daí para frente é mais fácil nos depararmos a cada dia com a vida. Felicidade... Talvez, eu possa ser franca, pois sei que você já conhece o que tenho a lhe dizer. A minha estória não difere das demais mulheres que um dia foram apaixonadas e que morrerão apaixonadas. Talvez pelo amor... Talvez porque

simplesmente saibam amar... Talvez você não aprenda comigo. Talvez você já tenha aprendido com sua própria vida e não saiba. Tenha assimilado de sua própria observação da vida e das pessoas. Talvez você não queira acreditar no que já viu. Eu não tenho nenhuma receita. Infelizmente não tenho. Bem que gostaria... Para que todas as mulheres pudessem ser diferentes.

– A senhora me dá...

– Em primeiro lugar chame-me de você. Sei que estou velha. Mas, para que tanta distância? Você é casada, tem filhos?

– Tenho dois filhos. Desculpe-me. Você me dá a impressão de ter sempre lutado pelo que quis. Isso é verdade?

– Sim, sempre lutei. Eu sempre soube o que queria. Nunca ninguém conseguiu me iludir. Você sabe o que é ter filhos. É aquela paixão louca... É complicado. Mas os filhos a gente consegue resolver. Eu amo os meus filhos. E acho que atualmente eles também já conseguem me amar. Tenho seis netos lindos. Isto é gostoso. Eles me escutam... Nunca falam que sou pré-histórica ou agressiva... Tenho duas filhas e um filho. Tentei ensinar-lhes a viver... E eles sempre debocharam de mim... Sabe o que diziam? “Viva a sua vida...” Eu, até hoje, e mais agora conversando com você, olhando este mar divino, questiono-me: “Será que vivi a minha vida

ou a dos outros? A de meus filhos?” Consegui ser uma profissional, hoje sou aposentada. Mas, será que vivi a minha vida ou para eles? Não sei... Fui para casa naquele dia perguntando-me porque logo agora que eu parecia mais feliz vem você e começa a me questionar... Mas eu sempre me questionei. Talvez eu queira uma conclusão. Existe uma conclusão? Acredito em um destino. Escreva aí. Em *um*. Não é num. As pessoas atualmente têm preguiça de amar e de falar. É sempre o mais prático, o mais descartável. Sofro com esta indiferença pela continuidade. É como se tudo pudesse ser jogado fora. E de alguma maneira tudo acaba sendo jogado fora. Sei que sou conservadora. E tudo o mais de que já fui rotulada. Tentei apenas ser honesta comigo. Tentei... Se consegui? Não sei. E para quê?

Excitada, ou estimulada, mas em pleno domínio de si, ela não queria mesmo se interromper.

– O amor entre um homem e uma mulher... É o que move o mundo... Mas, tudo é tão... Tão... Como explicar-me? Você vê o mar? É assim. Hoje, ele está doce, morno, acariciando seu corpo. Amanhã, ele está frio, seu coração gela... E de repente, depois de amanhã, ele range, grita. E fica de ressaca. Arrebenta o que vê na frente. Ninguém o domina. Arranca tudo. Veja a praia do Leblon que vira e mexe fica sem areia. O amor é assim... E você se ilude quando me vê de mãos dadas e imagina: “Eles

foram felizes”. Ou “eles *são* felizes”. Eu não fui feliz. E acredito que meu marido também não tenha sido.

– Conte-me suas lembranças.

– A maior dor é encontrar sua própria solidão. Quando jovens podemos fazer de conta que mais adiante encontraremos o encontro. Anda-se léguas. Sempre com muito fôlego até constatar-se que no final da estrada seremos duas grandes solidões.

– Por que duas grandes solidões?

– Tenho de ir embora. Meu marido também não vai se encontrar com você?

– Quem sabe no sábado?

– Acho melhor na terça. Não se esqueça do guarda-chuva se chover. E não acredite no que ele falar para te convencer.

Chega a outra terça-feira. Chove torrencialmente. O mar quebra violentamente na areia. Venta muito. Penso em voz alta: _Como resistirei a este tempo?

O homem aparece. Insinuante, olha-me e diz logo:

– Você não acreditou no que ela falou, acreditou? Eu a amo mais do que a tudo. Eu não sabia disso até o dia em que você disse que nós éramos felizes. Será que eu fui feliz? Passei a minha vida inteira acreditando que ela era uma grande carente. Vamos para um lugar mais abrigado? Você está toda molhada...

– Não se preocupe, tenho guarda-chuva e capa. Nunca vim assim à praia, é bem estranho. Podemos conversar em algum outro lugar que não seja agüentar a fúria do mar e da natureza.

– Agüentar a fúria da natureza... Eu sempre achei que era infeliz. Certas coisas eu não posso contar para minha mulher. E nem sei se devo falar para você. Você não contará para ela? Acho que a magoei mais do que queria. Certa vez, achava-me um idiota quando surgiu uma moça nova. Você sabe. A gente precisa seduzir. Sentir que ainda está em forma. A mulher já conhecida torna-se chata, imperativa. A gente quer outras coisas mais explosivas... Ela, bem, ela, a minha amante, era sensacional... Ela me prometia mais do que Prometeu. Apaixonado, acreditei em tudo o que ela dizia, e pior, comecei a fazer tudo o que ela mandava. Eu, pobre incrédulo. Acreditava que ela queria realmente a minha e a nossa felicidade. Eu, eu não sabia como contar a ela, à minha esposa. Eu tinha ódio dela. Berrava com ela. Gritava com ela. Dizia que a casa estava imunda... Que ela não cuidava dos filhos... Que eu não a amava... Que fosse á luta, que eu não mais a queria...

– Por que você chora?

– Eu não sabia que a feria. Hoje andamos de mãos dadas. Mas como falar com ela que em uma época de minha vida queria-a morta? Eu a odiava. Achava que meu futuro estava mais além. Mais além dela. A outra, era tão bela... Tão sedutora...

– O que aconteceu com a outra?

– Um dia descobri que ela não me amava. Era simplesmente como todas as outras, à espera de um ‘Príncipe Encantado’ que lhe salvasse a vida.

– Por que você não salvou a vida dela?

– Como salvar a vida dela se eu queria um socorro?

– Sua esposa sabe disso?

– Claro que não. Eu jamais me perdoaria. Essa foi uma das causas. A Outra queria por força que eu rompesse definitivamente com minha mulher. E meus filhos? E minha família? Não sei como não enlouqueci... Mas hoje acho que daria o mundo para voltar atrás, e dançar, e amar, e simplesmente amar. Poder simplesmente amar minha mulher. Você entende? Ela sempre foi uma corrente para mim. Um estupor, como dizem meus netos... Eu achava que a felicidade estava em outro canto. Em algum lugar. Nunca ao lado dela. Parecia que me era uma obrigação, uma carência. Sentia-me culpado por ela me amar. Seria preferível que ela jamais tivesse me amado. Eu nunca a amei. Ela nunca foi a mulher dos meus sonhos... Muito desorganizada... Debochada, rindo da vida... Sempre com o nariz arrebitado, achando que tinha sempre razão. Isso me era insuportável. Mais insuportável porque, você entende sempre me senti muito cobrado... Isso, quando não ficava a chorar, a me olhar com olhos de perdiz

perdida. Eu preferia mulheres dependentes, submissas, que provassem que eu podia mandar. É isso, minha filha. Escreva aí com letras maiúsculas, “O HOMEM PRECISA MANDAR ATÉ QUE DESCUBRA QUE É MANDADO PELA VIDA...” Digo isso para meus filhos, genros e nora. Não quero que eles sofram o que sofri. Eles riem, mas têm um relacionamento melhor. Eu nunca estive com minha mulher, você entende? Eu, no fundo, sempre quis fugir. Ela sempre foi apetitosa, tesuda como dizem atualmente. Ela me excitava. E só. Por causa disso, casei. Tive filhos e a odiei e sempre que pude a furei, a penetrei. Eu a maltratei, você sabe, como eu julgava que ela estava me maltratando. As outras, sim, as outras..., para mim sempre eram as melhores...

– Ela sabe disso?

– Claro que não. Sempre consegui ser muito esperto, sempre disfarcei. Sempre a coloquei no lugar dela. Quando eu a odiava procurava uma falha dela e caía em cima. Você entende? Era a camisa mal passada, a comida mal feita, os filhos que tiravam má nota... E ela parecia cair no ardid. Discutíamos como dois idiotas. E ela chorava. Dizia que me amava. E eu, a empurrava para o abismo.

– Abismo?

– O abismo que eu achava que existia... Mas, quem estava há muito tempo e por todo o tempo nesse abismo era eu. Hoje, é tarde... Existe um

abismo entre nós dois. Não posso falar essas coisas com ela. Estou preso à minha própria solidão. Sei que ela me ama e que está comigo por causa disso. Mas, como resgatar o irrecuperável?

– Não seria bom falar com ela?

– Para quê? O que ela queria eu não dei. O que eu quis, não consegui. E tenho raiva porque ela é dura e forte. A única coisa que continua firme na minha vida é ela. Risonha... Firme como uma rocha e dura. Ela luta, luta. E eu me pergunto, para quê? Para que ela luta se o passado está irrecuperavelmente perdido?

– Ela luta ou lutou? Você resolveu lutar agora? E agora já é tarde demais? É isso?

– Não sei... Eu só gostaria que ela soubesse mesmo que eu sempre a amei.

– Por que você mesmo não pode falar que a ama? Por que passou a vida inteira querendo destruí-la ou para sentir que não precisava de ninguém? Não era mais fácil admitir que precisava dela, ela que o amava?

– Não, eu não precisava amar ninguém. Só desejava alguém que pudesse me amar porque na realidade nunca acreditei que alguém pudesse me amar... Eu precisava testá-la a cada minuto com meu ódio para destruí-la. Se ela ficasse intacta eu valia alguma coisa. Se ela fosse mais fraca eu era um grande merda.

– Não entendo. Por que um grande merda? Você tinha medo de mostrar a ela suas falhas, sua fraqueza? Você pretendia ser um rei?

– Você é mesmo generosa. Acha mesmo que conseguirá me convencer de que estive o tempo todo errado? Mas, acredite-me, atualmente sinto-me feliz. Sabe por quê? Estou bem comigo mesmo. Parei de lutar comigo. Também aos 76 anos começa-se a lutar contra a morte. Por que não sabemos o que é mais importante para a gente quando se é jovem?

– Talvez porque quando jovem possamos idealizar as coisas e acreditemos que possamos conquistar tudo o que quisermos. Mas parece que sua esposa sempre soube o que era mais importante.

– Lá vem você fazer sentir-me culpado. Se ela deu prioridade para o amor, isto é, para mim, dane-se... É problema dela. Vamos embora? Estou com fome. Eu falei que você iria almoçar conosco. Se você não for, ficaremos zangados.

Fui almoçar com o casal. A casa deles era extremamente agradável. Surpreendentemente colorida. Cheia de retratos dos filhos e netos, admiravelmente lindos e maravilhosos. Parecia que carregavam a força que era necessária para se viver. Os passarinhos cantavam ao longe. Por alguns segundos pensei ter encontrado uma espécie de ‘nicho idealizado do amor familiar’...

Após o almoço, ele foi cochilar e ela ficou a me olhar com aqueles olhos que sempre diziam algo.

– O que foi que ele falou? Garanto que disse que nunca me amou. Que sempre fui um estorvo na vida dele. _ e deu uma gargalhada com os olhos que lá no fundo descobriam uma dor mais funda._ Eu sei... Ele, sempre me amou. Mas, nunca pôde aceitar. Chamo a isso de loucura. Estou certa? Por que agüentei tudo? Deve ser a minha loucura. Sempre o amei. Será que ainda o amo? Já não sei. Também já não importa. Você quer um café?

Tomamos o café, sentamos no sofá e ela fala:

– Ele sempre achou que me enganou. Um dia, se virou para mim e disse para esquecê-lo, que não o considerasse mais seu marido. Foi como se alguma coisa dentro de mim tivesse se esfacelado. Eu não conseguia acreditar como poderia existir alguém tão frio! Tão indiferente a tudo... O que fiz? Entrei numa depressão muito grande. Não dessas de querer me matar. Isso não foi feito para mim. Sempre soube que eu era responsável por algo mais. Pouco a pouco me calei. Nada respondi e tomei também pouco a pouco a resolução de me separar dele. Eu tinha certeza que existia alguém na vida dele... Mas não queria ter a certeza... Para quê? Talvez fossem apenas sonhos dele... Mas, não. Um dia, tive a certeza...

– Descobriu que existia mais alguém?

– Veja bem, não era o mais importante. A partir do momento que seu parceiro começa a sonhar que você não é o que ele desejaria, a partir do momento que ele acha que mais além encontrará a pessoa dos sonhos dele, já existe mais alguém. Consegue perceber? Se você não é importante, se você se torna descartável... E é isso que realmente importa. Quando se sabe que... bom, pensa-se sempre que a separação é a de corpos. Nem sempre as coisas acontecem dessa forma. A pior separação é a de desejos. É o não estar, estando. É o não querer, querendo. Tudo isso é muito complicado. Você gosta do Nat King Cole? Você gosta de tomar sorvete, de dançar? Aposto que gosta do mar. Ou, quem sabe, do amar?

– Gosto do Nat King Cole, do Frank Sinatra... Gosto de amar e do mar. De sorvetes, nem tanto.

– Os sorvetes às vezes tornam-se estiletos.

E dá uma grande gargalhada. Fiquei sem entender...

– Não me olhe com essa cara. O sorvete é tão frio e gelado, mais do que contundente e ferino quanto um estilete que perfura você. É só uma questão de ocasião. Você entende? Ora o gelo é gostoso, quando vira sorvete. Ora ele te perfura... Tudo é apenas uma questão de ponto de vista. De ocasião... Quando existe o gelo entre as pessoas...

Bom, continuando, comecei a me programar para ser só. Como doeu... Não foi igual ao sorvete. Foi um estilete, daqueles bem fininhos que entra devagarinho. Se sangrou? E como... Se ele não mais queria ser meu companheiro, como forçá-lo? E desde esse dia, nunca mais tive ilusões... como as pessoas se tornam egoístas... ou será que sempre somos egoístas? Não sei... Percebi apenas que sempre estive separada de uma pessoa que eu amava. Você entende? Eu estava casada. Mas ele não. Fui obrigada a separar-me e enxergar o que passara anos sem querer ver. É terrível, aos quarenta anos chegar-se á conclusão que trilhamos um caminho no qual de repente aparece uma placa que diz “Rua sem saída”. Saber-se não desejada quando todo seu ser quer compartilhar e ainda acredita que existem muitos caminhos a percorrer é muito doloroso. Na realidade, sempre fui só. Mas, o que você quer de mim? O meu segredo? ... Em realidade, não tenho segredo nenhum a não ser tentar viver o que a vida me oferece. Vê aquele quadro ali? O que você vê?

– Um homem, uma mulher que...

– Você falou um homem, uma mulher. Não disse um casal. Não disse “eles”. Você já sabe que dois nem sempre é um mais um. Pode ser dois. Às vezes três e na maior parte das vezes apenas um. É complicado? Somos apenas separados. Por isso andamos agora de mãos dadas. As mãos estão juntas

agora. Tudo é uma questão de tempo. Como o sorvete... Ora estas mãos ferem, ora acariciam... Talvez as mãos que te acariciaram um dia, quisessem te enforcar. E aquelas que reprimiam um tapa, quisessem acariciar... O que importa, não se esqueça, é o teu desejo. Ele sempre aparece. No tapa ou no mapa do amor. Você disse “um homem, uma mulher que...” este *que...* faz parte da tua fantasia... No quadro existe um casal. As ilusões, as expectativas são nossas. Existe apenas um casal, uma árvore e uma criança. Não existe ‘*desde que*’, ‘*agora que*’, ‘*porque*’, ‘*no dia que...*’ Existe é o Presente...

O Presente, o Real... Neles há espaço para o sonho, a fantasia, a metáfora, a alegoria. Que o digam os escritores, os poetas, os artistas, que extraem da realidade e do cotidiano sua matéria ficcional, reconstruindo-os e moldando-os com a argamassa do indelével, reinventando-os com o condão de sua criatividade. Nunca mais vi o casal, nem de longe na praia. Ipanema continua com suas ondas, eventuais ressacas, seus freqüentadores festeiros, seus casais entre o mar e o amar, seus saudosistas da outrora Copacabana. Por onde andariam aqueles dois, como estariam? Por vezes me pergunto: teriam sido uma aparição, uma miragem, saídas do mar como figuras mitológicas? Terá sido um sonho, como o amor e o amar?

Aconteceu

E hoje, aconteceu
um riso alegre,
uma lágrima triste,
um aperto de mão.
Surgiram dois rostos
na multidão das seis
no rush das sete.

Aconteceu uma pessoa sozinha,
uma criança a brincar,
um beijo salgado
e um nascimento.
E o morto é velado
por almas que o lamentam.
Aconteceu duas mãos unidas
e outras que se separam.
Um pai que chora
o filho que foge.
Aconteceu o relógio tocar,
o telefone a cantar,
a campainha a perturbar,
a vitrola a chiar
e alguém a resmungar.
Aconteceu um livro abandonado

um estudo xingado
e a menina a suspirar...

O mar a quebrar
a lua a espiar
o gato miar
o cachorro ladrar
e eu a gritar.

Aconteceu uma carta amargurada,
outra rebuscada de frases paralelas.

Um piano a martelar
os ouvidos da gente.

Gente que não quer nada
e quer tudo ao mesmo tempo.

Aconteceu um copo na mão,
um cigarro a queimar,
bocas imóveis,
outras correndo.

Aconteceu um chope ao luar,
um banho de mar, peles a tostar.

Aconteceu uma vida.

Vida igual a nossa
de malucos a caminhar.

Mas, que cansaço,
Vamos dançar?

Amélia

Amélia, cansada de todos acharem que ela era ‘uma mulher de verdade’, um dia acordou e resolveu dar a volta por cima – *vejam caros leitores, que não me furto a lugares-comuns e a frases feitas, faz parte de redundâncias textuais*. Ela nunca fora ‘mulher de verdade’. Não sabia cozinhar, muito menos costurar. Seu marido a enaltecia, *sempre sob o jargão de ‘mulher de verdade’*, e não *lhe dava espaço para* qualquer outra coisa que *não* significasse o lar.

Empregadas sempre *a* seu dispor para cuidar da casa, dos filhos *e dele, marido*, e de tudo o que a lembrasse da velha *canção e seu clássico refrão*. *Cá entre nós: como se a música popular brasileira não tivesse outras melodias que falassem da mulher sem a unir a imagens de ‘perfeição’ construída...*

Na cama? *Disso a canção não tratava*. E nisso realmente não sabia se era *mesmo* ‘uma mulher de verdade’. Que *caminhos e atalhos* procurar? *O que fazer*, se seu marido a enaltecia mesmo quando nada acontecia?... E aquela coisa *de Amélia não ter* a menor vaidade? Ela, muito vaidosa, orgulhava-se de seu corpo sempre disposto a qualquer *emoção*.

Sim, como *anunciei*, Amélia resolveu dar uma volta por cima e ser apenas uma mulher. Cansada de ser enaltecida e bajulada um dia acompanhou, *pela janela*, carinhos sem fim de um casal muito jovem sem escrúpulos e sem vergonha, que *certamente* sabiam o que deveriam fazer para alcançar o que hoje em dia se chama orgasmo.

Naquele mesmo momento ela gozou sem fim, sem saber *porquê*. Naquela mesma noite procurou seu bem-amado, aquele marido que tanto a enaltecia. Sussurrou bem baixinho: “Hoje não quero ser uma ‘mulher de verdade’. Quero apenas gozar”. O marido, sem *entender* o que ouvia, não sabia se fugia ou se a agarrava pelos peitos e a submetia a seus grandes desejos.

Perplexo com a dança *lasciva* que ela *executou à* sua frente, mesmo cheio de desejo a condenou a ser ‘uma mulher de verdade’. Não conseguiu apaziguá-la daqueles anseios porque *isso* não era uma coisa de ‘mulher de verdade’.

Amélia ficou a sós com seu desejo e um belo dia procurou um homem que não a *considerasse* ‘uma mulher de verdade’. E aí, queridos *ouvintes*? O que aconteceu quando tudo aquilo explodiu? Abandonou seu marido acreditando que o outro era mais digno. Que o outro todo dia a explodiria.

Mas não, ele não a explodiu, e sim a implodiu, mandando-a para aquele lugar. Ela, *desnudada em*

seu desejo e aspiração de deixar de ser ‘mulher de verdade’, e passar a ser uma mulher na verdade, a quem foi procurar? Àquele mesmo que a estigmatizava pelo refrão da canção popular.

Claro que *aqui se narra* uma história, *quase fábula, tão despreziosa como qualquer outra sobre a natureza humana, vida conjugal, etc.* E qual o fim desta história, vocês imaginam? Pois então saibam, ela mesma Amélia me confidenciou;

– Vera, sabe o que vou fazer? Com tudo que adquiri de vivência, de discernimento, até mesmo de sabedoria. Vou curtir a vida ao máximo. Vou viajar para a Europa dos meus sonhos, “entupir-me” de cultura e vou escrever um livro, sim. Vai se chamar “A mulher e o espelho”.

-fim-

Este livro foi impresso em julho de 2009
na Fábrica de Livros – SENAI-RJ